



cultura&informação
A REVISTA DO SABIN

2º semestre de 2025 – ano 31 – nº 88

Comunidade de Cuidado e Apoio

A formação para a convivência ética é uma importante área de atuação da escola. Nos últimos anos, temos estudado muito sobre as melhores práticas indicadas pela pesquisa recente na área da formação da personalidade moral e da construção de sujeitos éticos. Nosso objetivo é qualificar nossas ações e identificar as melhores maneiras de trabalhar as relações, de interferir com qualidade nas situações de conflito, de evitar a naturalização de comportamentos desrespeitosos. O Sabin lançou em agosto de 2025 o “protocolo *antibullying*” e, junto com ele, instituímos a “Comunidade de Cuidado e Apoio” - formada por 18 alunos representantes de classe do 5º ano, escolhidos por votação dos colegas. A ideia nasceu nas aulas de educação socioemocional e, agora, nós, da coordenação, orientamos esses alunos para que desenvolvam um olhar atento aos seus grupos e possam perceber e acolher problemas, interferir, mediar ou, quando necessário, acionar a escola.

Como comunidade educativa, incentivamos em todos o olhar cuidadoso, a escuta atenta a todos os lados, o respeito nas mediações, a preocupação com a autonomia das crianças e com a reflexão sobre cada ação. Convidamos a professora Dra. Flávia Vivaldi, do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral (GPEM) da Unicamp/Unesp, parceira do Sabin desde 2025, a voltar ao Colégio para novas conversas sobre os princípios e as boas práticas que devem fundamentar a atuação da escola. Ela esteve com os professores e conversou também com os pais dos alunos dos Anos Iniciais. Quisemos retomar essa formação este ano para fortalecer nossa atuação, mas também como preparação para o trabalho de tornar os alunos protagonistas desses temas por meio da “Comunidade de Cuidado e Apoio”.

Formamos o grupo com alunos do 5º ano porque entendemos que as crianças dessa faixa

etária - entre 9 e 11 - são capazes de fazer os estudos e as interferências que a iniciativa propõe. E, assim, seguir com um olhar mais atento para os Anos Finais, quando as dificuldades de convivência e o risco de *bullying* se acentuam. A professora Flávia também conversou com os alunos, realizando uma pesquisa sobre o clima na sala de aula. A partir dali, os representantes eleitos foram convidados a integrar o grupo e começaram a trabalhar. Primeiro, discutiram o que é comunidade, viram iniciativas semelhantes em outras escolas do Brasil e descobriram a importância da figura do amigo que escuta. Paciência, empatia, respeito, harmonia, acolhimento, colaboração, coerência, calma, amizade, autonomia e integridade são valores que o grupo nos aponta como características básicas de um amigo que escuta e ajuda. Os encontros com os alunos envolvidos no projeto têm sido muito produtivos: já debatemos o que é “ser ou não ser acessível e disponível”, avaliamos o que é “fofoca” e o que ela pode causar, e investigamos diversos conceitos, como falsidade e agressividade. Eles vão nomeando os sentimentos e debatendo no grupo.

Para nós, é importante caminhar com essa comunidade, auxiliando os alunos a criarem o hábito de ver, ouvir e interferir com segurança e respeito - com a potência de serem relações entre pares, e não de autoridade, algo que a pesquisa tem demonstrado ter um poder transformador.

E, famílias, a parceria de vocês também é fundamental. Endossem o que as crianças compartilham, validem o esforço de quem escuta e ajuda e a disponibilidade de quem se deixa ajudar. Reforcem, se necessário, a importância de levar de volta para a escola situações complexas em que coordenadores devem atuar. Construam essa comunidade com a gente!



Dionéia Menin
Coordenadora pedagógica do Ensino Fundamental Anos Iniciais



Revista do Sabin, 2º semestre 2025 ano 31 - nº 88
Aluna da capa: Giovanna, 1ª série do Ensino Médio

A Revista Mais é um órgão de comunicação do Colégio Albert Sabin e da Escola AB Sabin.

Colégio Albert Sabin
Av. Darcy Reis, 1.901, Prq. dos Príncipes, São Paulo/SP (11) 3712.0713
www.albertsabin.com.br

Escola AB Sabin
Av. Martin Luther King, 2.266/2.280, São Francisco, São Paulo/SP - (11) 3716.5666
www.absabin.com.br

Fundadores:
Gisvaldo de Godoi, Neusa A. Marques de Godoi

Direção geral:
Cristina Godoi de Souza Lima
Direção pedagógica:
Giselle Magnossão (Albert Sabin), Sílvia Adrião (AB Sabin)

Direção administrativa:
Fernando A. Mello

Marketing: Natália Giraldi
Colaboradores: Áurea Bazzi, Denise Araújo, Dionéia Menin, Giselle Magnossão, Graziella Matarazzo, Sandra Lieven, Paulo Rogério Vieira, Sílvia Adrião, Suzy Vieira

Jornalista responsável:
Juliana Bógus Saad (MTB 42.386/SP)

Designer: Giovanna Angerami
Fotografias: Jesse Matos, Equipe Pedagógica

2º semestre 2025

- 4+5 —  **Conversa Paralela**
Um papo sobre a importância das bibliotecas públicas
- 6+7 —  **Educação Infantil**
O compromisso de proteger as crianças do apelo consumista
- 8+9+10 —  **Fundamental – Anos Iniciais**
Impacta Sabin + COP30 no Brasil: reflexão sobre problemas ambientais
- 11+12 —  **Fundamental – Anos Finais**
Ler e escrever no papel é essencial, mas recursos digitais são bem vindos
- 13+14 —  **Ensino Médio**
O Sabin no *ranking* do Enem e nossos caminhos para as boas notas
- 15+16+17 —  **Idiomas**
Conheça a turma do Teatro de Inglês *and how they act and play on stage*
- 18+19 —  **Esportes&Cultura**
Para todos: motricidade e esporte na educação física do Infantil ao Médio
- 20+21 —  **A Gente Quer Saber**
Como é feita a *Revista Qualê*, ferramenta de trabalho no EFAI
- 22+23 —  **Livre Expressão**
Opinião controversa ou discurso de ódio?
- 24+25 —  **Tecnologia & Inovação**
A hora é de construção e reeducação digital em sala de aula
- 26+27 —  **Encantamento**
Colaboradores do Sabin valorizam o estudo em todas as fases da vida
- 28 → 32 —  **AB Sabin**
A escola como um grande ateliê favorece a fluidez no aprendizado

Bibliotecas para quê?

Longe de serem apenas espaços com estantes de livros, as bibliotecas oferecem diversas atividades e serviços, inclusive digitais; nas públicas, é tudo de graça e para todos

“A biblioteca é o lugar onde começamos a nos conhecer.”

Luís Fernando Veríssimo



**Pierre André
Ruprecht**

O administrador **Pierre André Ruprecht** atuou entre 2011 e 2024 como diretor executivo da SP Leituras, organização social focada em leitura, bibliotecas, cultura e conhecimento - responsável pela gestão da Biblioteca de São Paulo (BSP), da Biblioteca Parque Villa-Lobos (BVL), do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo (SisEB) e da BibliON, a biblioteca digital do Estado de São Paulo. Foi professor de metodologia da pesquisa em comunicação e coordenou a assessoria da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo.

Como você chegou ao mundo das bibliotecas?

Sou apaixonado pela ideia de biblioteca desde criança. Eu era um leitor compulsivo e a biblioteca era o lugar mais fascinante do mundo. Quando cresci, estudei administração e meu interesse sempre foi pela teoria das organizações, que mistura também psicologia e sociologia. Busquei entender como funcionam organizações de maneiras não convencionais e isso me levou ao universo das bibliotecas - onde você pode mudar a vida das pessoas. Trabalhar na SP Leituras e fazer a gestão de bibliotecas públicas não foi só um trabalho, foi um encontro com a minha vocação, que é gerir espaços culturais ligados ao conhecimento, à leitura, à literatura e à imaginação. Atualmente, desenvolvo um projeto com jovens na criação de uma biblioteca popular.

Na biblioteca só há livros?

Biblioteca é conhecimento. Mas é também fantasia, criação, descoberta. O livro é um dos meios para chegar a tudo isso, mas não é o único, por isso a biblioteca não tem só livros; tem acesso à internet, tem games, vídeos, brinquedos, música, histórias, atividades para famílias e para todas as

idades. A biblioteca pública - que deve atender todas as pessoas, sem exceção - oferta todos os caminhos para o conhecimento, inclusive serviços digitais, que não são concorrentes do livro físico, mas parceiros. É tudo um mundo só. Tanto faz se você é contra ou a favor da Inteligência Artificial, ela está aí e a questão é “o que vamos fazer com ela”. As bibliotecas públicas devem ser instrumentos de letramento também digital, além de literário, científico, de pesquisa, de informação e de diversão.

Onde começa a formação de um leitor?

Pode começar na primeira infância. Nós criamos um programa para bibliotecas públicas chamado “Lê no Ninho”, que reúne bebês e crianças de seis meses a quatro anos de idade com pais e cuidadores em sessões curtas de leitura e brincadeiras. O objetivo é estimular a curiosidade, a imaginação e o vínculo familiar, despertando o interesse pelos livros. As crianças exploram livremente e os mediadores conduzem atividades leves - cantando, contando histórias e interagindo. É um sucesso! Claro que não há garantia de que todos vão se tornar leitores,

mas esse caminho, se bem seguido, pode transformar o futuro dessas crianças e desses adultos. E, com certeza, gera famílias mais felizes!

O que é literatura?

É tanta coisa! Mas a gente pode pensar na literatura como um meio seguro de experimentar a alteridade; você experimenta - em um ambiente seguro - ser outra pessoa, estar em outro lugar. E esse é outro valor que as bibliotecas podem incorporar: serem locais para experimentar a alteridade na vida real. Em outros países, existem programas incríveis nesse sentido, como as “bibliotecas humanas”. Funciona assim: a biblioteca incorpora ao seu acervo frequentadores com suas profissões, ocupações e histórias e, assim, as pessoas viram fonte de “literatura” e informação oral. Por exemplo, alguém curioso sobre o que é ser sapateiro, pode conversar com um sapateiro da comunidade; outra pessoa pode entender a cultura árabe do norte da África conversando com um imigrante. A biblioteca passa a ser um local de troca humana, afinal todo mundo tem conhecimento. Quem entra na biblioteca, busca alguma coisa, mas também traz consigo um universo.

Comunidades criam bibliotecas?

Muitas! Vimos no Brasil, a partir dos anos 2000, um enorme crescimento das chamadas “bibliotecas comunitárias”. Elas são importantíssimas. Algumas têm uma instituição por trás, mas muitas são formadas pelo desejo e a força da comunidade mesmo, e têm como foco a leitura - e a leitura literária em primeiro lugar. Essas bibliotecas estão fomentando um novo público jovem de leitores, o que dá esperança e pode criar mais oportunidades para moradores de áreas que não são bem atendidas pelo serviço público.

Como gerar interesse por bibliotecas públicas?

Quando fizemos a Biblioteca Pública Parque Villa-Lobos - que, inclusive, é apoiada pelo Sabin através da Lei Rouanet -, queríamos divulgar para o público que não frequenta e que ainda tem um imaginário ruim sobre bibliotecas. Depois de pensar muito, lançamos um banner gigantesco que dizia apenas “Entre e surpreenda-se”. Funcionou! Quem não conhece, não imagina o lugar incrível que a biblioteca pública é, mas quando vai lá, sempre se surpreende. Eu sugiro divulgar assim, despertando a curiosidade. Contando que, além de livros bacanas para todas as idades, existe um universo de atividades na biblioteca pública. É um lugar para todos e de graça!

Além de bibliotecas estaduais - como a **Biblioteca Parque Villa Lobos** (bvl.org.br) e a **Biblioteca de São Paulo** (bsp.org.br) -, nossa cidade conta com o SISTEMA MUNICIPAL DE BIBLIOTECAS (SMB), que é composto atualmente por **118 bibliotecas**, além de serviços de extensão, como Ônibus da Cultura em regiões periféricas, **Bosques e Pontos de Leitura** em ruas e parques da cidade. As bibliotecas recebem cerca de **4 milhões de consultas por ano** e têm mais de **5 milhões de documentos nos acervos**, incluindo livros, CDs, DVDs, jornais, revistas e outras mídias. O público pode ler e pesquisar no local, pegar material emprestado e usufruir da **programação cultural - sempre gratuitamente**.

Bibliotecas Centrais

- Biblioteca Mário de Andrade
- Bibliotecas do Centro Cultural São Paulo: Biblioteca Sérgio Milliet / Biblioteca Braille / Gibiteca Henfil
- Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato

Bibliotecas Temáticas

- Biblioteca Alceu Amoroso Lima - Poesia
- Biblioteca Belmonte - Cultura Popular
- Biblioteca Cassiano Ricardo - Música
- Biblioteca Hans Christian Andersen - Contos de Fadas
- Biblioteca Roberto Santos - Cinema
- Biblioteca Mário Schenberg - Ciências
- Biblioteca Viriato Corrêa - Literatura Fantástica
- Biblioteca Raul Bopp - Meio Ambiente
- Biblioteca Paulo Duarte - Cultura Afro-brasileira
- Biblioteca Prestes Maia - Arquitetura e Urbanismo
- Biblioteca Paulo Setúbal - Literatura Policial
- Biblioteca Maria Firmina dos Reis - Direitos Humanos
- Biblioteca Cora Coralina - Feminista

Fonte: Prefeitura de SP



Consumismo e infância: o que a escola tem com isso?

Na Educação Infantil do Sabin, assumimos o compromisso de proteger as crianças do apelo consumista e oferecer o brincar simples com criatividade

Vivemos nesta sociedade marcada pelo excesso de coisas, de propagandas, de necessidades e vontades criadas, de todo o tipo de estímulo consumista - ainda mais em tempos de mídias sem regulamentação e “influenciadores” focados no lucro. As consequências são enormes, tanto do ponto de vista ambiental, quanto do emocional. E quem mais sofre é quem deveria estar sob a maior proteção: as crianças, que não têm elementos para lidar com isso. Nosso compromisso na Educação Infantil do Sabin é ir na contramão do consumismo, estimulando “o simples” e projetando um futuro em que nossas crianças crescidas tenham uma relação crítica e comedida com o consumo. “Trabalhamos com o objetivo imediato de garantir à criança o brincar com elementos básicos, partilhando momentos e saberes. Brincar é um direito, não um produto a ser comprado”, alerta a coordenadora Sílvia Adrião. Com a proposta de sempre fortalecer o valor do “ser” acima do “ter”, a equipe proporciona contextos em que as crianças usam a imaginação e transformam materiais simples em brinquedos e brincadeiras, criando histórias extraordinárias; são fontes inesgotáveis de encantamento e diversão - sem precisar comprar nada.

O simples encanta

Esse movimento começa com a valorização de atividades na natureza e com os elementos que ela oferece. Enquanto o brinquedo pronto é, normalmente, plastificado e limitado, os “não estruturados” - como água, terra, plantas,

gravetos, pedaços de madeira, tecidos, caixas de papelão, carretéis, objetos de alumínio, recicláveis e tantas outras coisas de fácil acesso - permitem que a criança imagine e crie. Esses materiais são grandes aliados contra o excesso de consumo na infância e costumam ser os favoritos nos cantos de brincar da escola: embalagem vira foguete, pegador de macarrão vira jacaré, uma caixa é o universo.

“Observamos que, quando oferecemos materiais não estruturados, as crianças deixam os brinquedos prontos para o segundo plano”, revela a professora Débora Gazola Pleul, do Infantil 4. Uma vez por semana, cada criança pode levar um brinquedo de casa para passar o dia na escola e, mais uma vez, a preferência da criançada fica evidente: “Depois que todos mostram e veem os brinquedos uns dos outros, quase sempre vai tudo para a mochila e a turma prefere ir brincar no parque sem levar brinquedo nenhum! Querem correr, fazer pega-pega, criar no tanque de areia com folhas e galhos. A verdade é que o melhor brinquedo para eles é a natureza e a companhia do amigo!”, relata Débora.

Reforçando essa tendência ao simples e de olho no consumo mínimo e responsável, há cerca de dois anos teve início uma mudança no acervo da Educação Infantil. Todas as novas escolhas passaram a ter como critério a sustentabilidade, com materiais menos agressivos ao meio-ambiente. A principal iniciativa foi desplastificar: móveis, brinquedos e objetos de plástico foram desaparecendo e dando lugar

a madeira, metais e outras alternativas. Também foram eliminadas do ambiente escolar infantil referências a marcas e personagens da grande indústria do entretenimento, que fomentam o consumo de produtos e alimentos. “Está tudo conectado”, diz a coordenadora Sílvia. “São práticas em série: precisamos cuidar do que oferecemos ao montar um espaço, propor uma atividade, ou até decidir uma receita. Assumimos esse compromisso de proteger nossas crianças e temos o suporte das famílias, que concordam com nossas escolhas pedagógicas, com a mudança de materiais e com a retirada de alimentos industrializados.”

Famílias também aprendem

Crianças são a parte mais frágil dessa estrutura, mas a indústria do consumo sabe que, ao falar com os pequenos, atinge as famílias. Por

isso, a escola também investe em ações com os adultos. “Promovemos, por exemplo, uma feira de troca de brinquedos, aberta à comunidade, onde lembramos o valor de trocar em vez de comprar. A criança gosta de novidade, mas não necessariamente do novo vendido na loja”, afirma a orientadora Andréa Silva. “Na semana Sabin, que aconteceu em agosto, nossa provocação foi resgatar com as crianças as brincadeiras preferidas e convidar os pais para brincar junto, ao ar livre e com materiais não estruturados. Desconstruir os hábitos de consumo é trabalho que se constrói no dia a dia”, completa Andréa. Registros dessas e de outras atividades são compartilhados no aplicativo do Colégio; pais e familiares podem acompanhar, em fotos da rotina das crianças, a beleza do brincar simples e do compartilhar. Será que elas precisam de mais?

“Se escutarmos o que a criança realmente quer, saberemos que não são coisas. Criança, na essência, quer companhia, quer natureza, quer encontrar com outras crianças. Quer vento, folhas, gravetos e lama. Quer mergulhar no mar, cavar na areia, brincar de pega-pega.”

Sílvia Adrião, coordenadora

Fazer é mais legal

“Em uma das atividades que fizemos este ano, apresentamos para as crianças a artista Lygia Clark e suas esculturas manipuláveis de animais abstratos. As crianças se encantaram e quiseram fazer também - utilizando materiais não estruturados e a imaginação. Fomos para o espaço *maker* da escola e a turma usou placas de madeiras de encaixe para desenvolver seus bichos, sem os limites das figuras convencionais. Depois, para criar esculturas com mais movimento, usaram dobradiças e experimentaram virar, girar, mudar. Apresentamos, então, mais cinco artistas, cada um com uma técnica diferente, que as crianças puderam explorar individual e coletivamente usando materiais variados - como papel amassado, sucata, embalagens. Poderíamos oferecer qualquer brinquedo comprado, que as crianças não iam trocar o que fizeram do jeito delas.”

Profª Débora, Infantil 4

Pensando e agindo para ajudar o planeta

Unindo o Impacta Sabin e a COP30 - sediada este ano pelo Brasil - alunos do EFAI fazem debates, refletem sobre problemas ambientais e criam projetos para diminuir o lixo

Uma vinheta musical “energética e reflexiva”, em alto volume, aos poucos vai baixando e dando espaço à voz de um apresentador, que diz: “Olá e bem-vindos ao ‘Vozes do Clima’, o podcast onde mergulhamos nos debates que vão moldar nosso futuro. Com a COP30 que será realizada em Belém do Pará em novembro de 2025, o mundo volta seus olhos para o Brasil e a Amazônia. Para debater as expectativas e os desafios, estão conosco representantes de ativistas ambientais, do governo e do setor empresarial, das delegações de outros países participantes, de Organizações Não Governamentais e dos povos indígenas”. - É mais ou menos assim que começa um podcast roteirizado por uma aluna do 5º ano para uma proposta de projetos do EFAI, que este ano alinha o Impacta Sabin à 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, a COP30, já que os objetivos dos dois eventos se encontram no cuidado com o planeta.

Depois de apresentarem para os alunos conteúdos e propostas na aula inaugural do “Impacta Sabin + COP30” para motivar e inspirar projetos, as orientado-

ras educacionais acompanharam estudantes em uma visita à cooperativa que recicla o lixo da escola. “Levamos os representantes de turma porque eles são os encarregados de espalhar as notícias em suas salas e nos ambientes que frequentam”, explica a coordenadora Dionéia Menin. Eles conheceram a You Green, recicladora que trabalha com o Sabin, com o objetivo de aprender a cuidar melhor da produção de lixo e produzir menos, entendendo o que realmente é possível reciclar e o que é rejeito, compreendendo exatamente tudo que pode ser reutilizado. “Quando mostram a montanha de lixo na recicladora, e contam como é feita, isso mobiliza as crianças a discutirem cada vez mais o assunto”, diz a coordenadora.

Com as apresentações das propostas feitas e o exemplo prático da recicladora, os alunos foram convidados a entrar, literalmente, no clima do tema. As professoras trabalharam os conteúdos em sala durante duas semanas e, depois, abriram as conversas com as turmas sobre o que gostariam de propor. Dessas ideias, nas-

ceram campanhas e ações como o podcast da COP30. “Os alunos discutiram bastante sobre projetos viáveis para melhorar o entorno, para identificar e resolver problemas que incomodam”, comenta a assessora de matemática, Adriana Alonso. Alguns grupos encontraram ações possíveis e se organizaram para realizar, como a campanha contra o uso de canudinhos plásticos, conforme relata Adriana: “Algumas turmas identificaram o lixo jogado em lugar errado, ou o lixo produzido no recreio e largado no chão. E uma turma destacou o fato de a cantina da escola oferecer canudos plásticos; este grupo criou uma campanha pela redução do uso do canudinho”. Falando com os colegas, enviando cartas para conscientizar os atendentes da cantina, fazendo cartazes, passando de sala em sala para argumentar contra o uso, marcando reuniões com a coordenação, e até com a direção, para questionar a viabilidade de chegar aos representantes da cantina e conversar

sobre duas coisas: a necessidade de eliminar a oferta de canudinhos e a importância de diminuir o uso de plástico em geral.

Outro projeto é a Cartilha dos 7R's (sete erres), criada pelas crianças. A assessora de ciências, Fernanda Nalin, conta que a ideia nasceu de uma reflexão dos alunos do 4º ano sobre desperdício, o impacto de cada um no ambiente e a busca de soluções: “Os 7Rs são: **Reduzir** - diminuir o consumo; **Repensar** - como seus hábitos impactam o ambiente; **Responsabilizar-se** - sobre desperdícios, compras, atitudes; **Reintegrar** - como resíduos e lixo orgânico podem ser reaproveitados; **Recusar** - não precisamos de tudo; **Reaproveitar** - tudo que for possível; **Reciclar**. Portanto, antes da reciclagem, há muito a se fazer”. Fernanda acrescenta que a turma discutiu muito as “necessidades inventadas”, questionando tudo que “a mídia” cria e faz parecer que é uma necessidade, provocando a compra por impulso. Por exemplo, os bri-



lhos lábios, os cadernos de pintar, as centenas de canetas coloridas. Isso traz consciência a respeito da produção, do consumo e do descarte. E as crianças deixam a pergunta: “Você precisa de tudo isso?”.

No 5º ano, as seis salas seguiram a proposta de fazer uma simulação da Conferência do Clima em sala de aula, para debater soluções reais sobre as questões climáticas. Cada sala se dividiu em cinco grupos - povos indígenas, governantes, ONGs, ativistas e ambientalistas, e os diversos países - e cada grupo defendeu uma posição e argumentou durante o debate. Logo depois, grupos maiores - a cada duas salas - selecionaram elementos específicos para serem discutidos e montaram novas simulações, em que 20 alunos participam da conversa e do debate enquanto os demais atuam como observadores. Se a COP30 espera mostrar ao mundo a importância da Amazônia para todo o planeta, os alunos do Sabin mostraram competência e criatividade para melhorar seu entorno - com uma reflexão, uma cartilha, um debate, ou um canudinho a menos.

O que é IMPACTA SABIN

Programa que convida os estudantes a transformar ideias em ações de impacto social e ambiental. O objetivo é estimular o protagonismo, por meio da observação da realidade, do planejamento de soluções e da execução de ações que alcancem a comunidade dentro e fora da escola. Sempre surgem propostas ligadas à solidariedade, à reciclagem, à cultura e à inclusão.

O que é COP30

COP é a sigla para *Conference of the Parties*, ou Conferência das Partes, e é a instância máxima da decisão da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança Climática - um pacto internacional assinado com o objetivo de evitar a “interferência perigosa” dos seres humanos no sistema climático global. As “Partes” que participam são 197 países mais a União Europeia - quase o mundo todo. A COP30 reúne no Brasil representantes desses países para discutir mais maneiras de proteger o planeta, como reduzir a poluição, conservar florestas e ajudar países que precisam de apoio para enfrentar as mudanças climáticas. E espera mostrar ao mundo a importância da Amazônia e de preservá-la. Decisões globais envolvem muita negociação, aprendizado e criatividade, e as ações de cada país podem afetar a saúde do meio ambiente e a vida de milhões de pessoas.



Lápis, papel, livros e tecnologia

Para a faixa etária do EFAF, ler e escrever no papel é necessário e insubstituível, mas a tecnologia é essencial para o desenvolvimento das múltiplas linguagens

“O ser humano é encantado por tecnologia, e a tecnologia metaforiza um progresso galopante em direção ao futuro. No entanto, há aprendizados que a tecnologia, embora possa auxiliar, não substitui. Um deles é a escrita e a leitura em papel – principalmente na faixa etária do 6º ao 9º ano”, afirma a assessora de português Denise Masson. Nessa fase, quando crianças e adolescentes estão em formação “leitora e escritora”, a ciência segue mostrando que o papel é insubstituível. Escrever à mão ativa redes cerebrais amplas, áreas ligadas à memória, aos sentidos e às funções motoras. Ler textos impressos e livros físicos mobiliza formas de atenção que a tela não sustenta. A escrita e a leitura em papel estão comprovadamente associadas à capacidade de compreensão e de construção textual.

Segurar um lápis e escrever com ele pode parecer um gesto simples, mas é o cérebro inteiro trabalhando - principalmente quando se trata de crianças e adolescentes. Escrever à mão, como coordenação motora fina, é fundamental para reforçar sinapses de memória e - como na leitura em papel - para manter a atenção e a concentração. “Também para potencializar a captação de sentido, que, hoje sabemos por uma série de pesquisas, passa grandemente pela visão”, informa a professora Denise. Quer dizer, quando se escreve à mão, entram em ação estruturas cerebrais envolvidas no funcionamento do corpo inteiro e de todos os sentidos. A escrita manual funciona como um treinamento que conversa com o córtex pré-frontal, área cerebral ligada ao planejamento, ao controle de impulsos e à organização de ideias. Quanto mais o corpo participa - segurando o riscador, desenhando letras, traçando linhas ou folheando páginas - mais se fortalecem a memória, o foco, a percepção espacial e outras funções cognitivas essenciais. É por isso que essas ferramentas tradicionais são indispensáveis para a educação e muito valorizadas pela escola.

Mas não abrir mão de recursos clássicos - que ocupam lugar crucial na formação do leitor e do escritor - jamais significa excluir a tecnologia e as telas do cenário da leitura e da produção de texto. Ferramentas tecnoló-

gicas são valiosas e é importante que a escola eduque para o seu uso. O currículo escolar deve buscar o multiletramento, que é a preparação para a compreensão da diversidade de linguagens e culturas no mundo contemporâneo. Essa diversidade inclui a escrita e a leitura convencional, mas também outros modos linguísticos - especialmente em plataformas digitais. Portanto, nenhuma estratégia deve ser descartada; devemos, sim, somar lápis, papel, livros e tecnologia para o melhor uso e o mais completo desenvolvimento das múltiplas linguagens.

“O Sabin valoriza muito a escrita à mão e o livro físico, por isso os projetos de escrita e de leitura são tão importantes. Entrei na escola em 2016 e costumava ver mais alunos andando com livros embaixo do braço. Estamos criando projetos e atividades que estimulem a retomada desse hábito.”

Sandra Lieven, coordenadora



DA TELA PARA O PAPEL, DO PAPEL PARA A TELA

Um projeto feito em parceria entre os departamentos de espanhol e de inglês com o 9º ano é um ótimo exemplo do bom uso da tecnologia dentro do contexto da leitura. A atividade convidou cada aluno a gravar um vídeo recomendando a leitura de um livro - físico, claro - para leitores de 11 a 14 anos. O apresentador do vídeo deveria indicar título, autor e gênero da obra, resumir a trama, destacar personagens e explicar os motivos da indicação, para despertar a curiosidade e motivar os colegas a lerem também. Usar a tela para recomendar bons livros é uma ótima ideia para fazer o aluno transitar de um meio em papel para um meio digital e vice-versa - estratégia que desenvolve o multiletramento.

Outro projeto que faz esse mesmo percurso é o de produção de ebooks a partir de contos que os alunos escreveram à mão em espanhol. “Acreditamos que a leitura e a escrita no papel fortalecem a formação dos alunos, e que a tecnologia amplia experiências - transformando páginas e telas em oportunidades de aprender e compartilhar”, diz a assessora de espanhol, Bárbara Baldarena Moraes.

Projetos nas aulas de inglês também mostram como a tecnologia é um componente essencial para o desenvolvimento de usuários competentes das multilinguagens. “Nos 7º e 8º anos, os alunos fazem leituras em papel de clássicos da literatura e, após a discussão e análise das obras em sala, são estimulados a elaborar jogos digitais que proponham novas interpretações sobre os temas”, exemplifica a assessora de inglês, Simone Magalhães.



Enem: o que revela e por que importa

Para que serve o *ranking* do Enem e por quais caminhos os alunos do Sabin chegam ao topo

O que significa estar entre as melhores escolas da cidade de São Paulo no *ranking* do Exame Nacional do Ensino Médio, o Enem? Além da alegria e do orgulho pela colocação, a equipe do Sabin sabe que há uma grande responsabilidade junto com o “poder” de estar no **top 5** entre escolas de mesmo porte - segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep). O topo do *ranking* é um reconhecimento da solidez do trabalho, mas é também oportunidade de evolução. O detalhamento do desempenho dos alunos no Enem e em outras avaliações externas, assim como o comparativo com simulados internos, revela dados que ajudam a escola a avaliar lacunas a serem preenchidas e fortalezas que podem ser desenvolvidas. O Sabin acompanha de forma criteriosa e contínua dados dessas avaliações, ferramentas valiosas para aprimorar as práticas pedagógicas. A posição conquistada no Enem reforça a excelência, mas não acomoda: a análise dos indicadores orienta os próximos passos.

Formação integral, repertório e humanidade

Obter médias altas no Enem requer que muitos elementos funcionem bem no ambiente escolar. Entre eles: currículo enriquecido, professores competentes, acompanhamento atento, disciplina em sala e fora dela, estrutura física adequada, tempo de estudo, reforço onde há lacunas, oferta de atividades variadas e engajamento dos estudantes. A diretora pedagógica, Giselle Magnossão, diz que o sucesso vem com formação integral: “Nós oferecemos uma formação integral, que inclui altas expectativas de aprendizagem acadêmica, sem abrir mão de outras atividades que ampliam o repertório e desenvolvem habilidades, como teatro, futebol, olimpíadas acadêmicas. Tudo contribui para a formação do aluno. Baseamos nossa instrução em dados, com constantes diagnósticos e intervenções para o aperfeiçoamento do trabalho pedagógico”. A coordenadora do Ensino Médio, Áurea Bazzi, reforça a importância da ampla oferta atividades que priorizam o bem-estar e

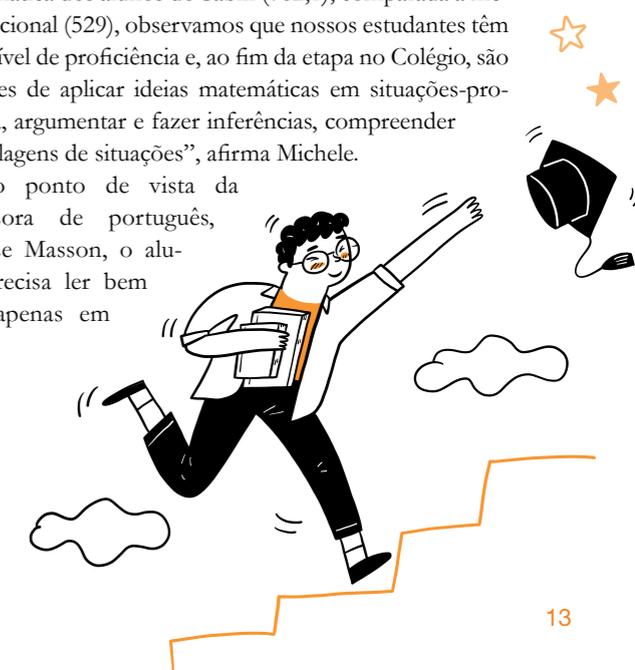


a saúde física, emocional e social do adolescente. “Estar entre as cinco melhores escolas tem um significado importantíssimo para nós, educadores. Revela que nossos alunos tiveram oportunidades para desenvolver habilidades cognitivas e socioemocionais que, somadas, resultam em sujeitos competentes e intelectualmente autônomos; pessoas reflexivas e com pensamento crítico, que se tornarão agentes transformadores na sociedade”, afirma Áurea.

Os caminhos do Sabin

A prova do Enem é composta por uma redação e diversas questões envolvendo quatro áreas de conhecimento - **matemática, linguagens, ciências da natureza e ciências humanas**. Há muitos caminhos para chegar às melhores notas, mas quais são os caminhos do Sabin? Na matemática, segundo a assessora Michele de França, o exame avalia a capacidade do estudante de aplicar ideias matemáticas, por isso, o caminho da formação regular oferece muito mais do que o essencial; avança para tecnologia, economia e finanças, cursos de cálculos e cursos olímpicos - com aplicação em outras áreas. “Ao olharmos para a média de matemática dos alunos do Sabin (762,1), comparada à média nacional (529), observamos que nossos estudantes têm alto nível de proficiência e, ao fim da etapa no Colégio, são capazes de aplicar ideias matemáticas em situações-problema, argumentar e fazer inferências, compreender modelagens de situações”, afirma Michele.

Do ponto de vista da assessora de português, Denise Masson, o aluno precisa ler bem não apenas em



português e na área das linguagens, dos códigos e da língua estrangeira, mas também em arte, história, geografia, biologia e, inclusive, nas matérias exatas como a matemática. “Esse é um destaque de uma escola como a nossa, que trabalha com um programa de português estruturado para que os alunos tenham sucesso nos exames e em todos os aspectos da vida além dos nossos muros”, comenta Denise, enfatizando que as notas excelentes não são resultado do trabalho de um ano só, mas de um projeto longo. “Nosso caminho é pautado por duas trilhas que se complementam: a oferta de um bom curso de português no que a língua tem de técnica; e o exercício do domínio técnico em uma série de propostas e atividades – culturais e de outras disciplinas – que trabalham com comunicação e expressão.” Há também um denso investimento em literatura e um grande intercâmbio multidisciplinar para desenvolver repertório e projetos de análise para a escrita. O intercâmbio com geografia e história, por exemplo, é praticamente indispensável para fazer uma boa redação no Enem, que pede um pequeno projeto de análise de problemas brasileiros. Pois, para analisar problemas brasileiros, é preciso conhecer o Brasil! A assessora de geografia, Roberta Mouta, destaca a abordagem interdisciplinar como uma das tônicas de todos os exames: “A Uni-

“O histórico de resultados do Colégio nos últimos anos é interessante e bonito. Tivemos que fazer muitas escolhas com o novo Ensino Médio, os itinerários formativos, as eletivas; tiramos peso dos módulos e redesenhamos o programa ao longo desses anos. Vimos uma discreta queda nas notas do Enem durante a pandemia, mas nossa equipe sustentou as propostas e isso nos garantiu o que há de mais moderno na educação integral para essa faixa etária – somando conhecimento, arte, esporte, crítica, criatividade. Agora estamos vendo o resultado desse trabalho!”

Cristina Godoi, diretora geral do Sabin

camp aposta nas relações dentro da área das humanas; a Fuvest, nas relações entre geografia e biologia a partir da perspectiva ambiental”. Para as ciências humanas, o Enem é uma avaliação focada na interpretação e propõe que o aluno consiga relacionar e comparar temporalidades e especialidades. Para isso, contribuem muito as saídas pedagógicas, o trabalho em equipe e o olhar individual do professor para cada aluno.

Um processo de ensino de forma integrada também é destacado pelo assessor de física, Jackson Padilha, que reforça que não se pode olhar isoladamente para cada uma das áreas de conhecimento: “Uma questão sobre energia e suas transformações exige a compreensão de processos e reflexões sobre sustentabilidade, extração e distribuição de recursos. Isso envolve física, química e geografia”, exemplifica ele. Para acostumar o aluno a esse modelo, os simulados são aplicados desde a 1ª série do EM, também exercitando a resistência física e mental, necessária para enfrentar exames externos e extensos, como o Enem. “Eu diria que a combinação de robustez acadêmica, cultura de excelência e acompanhamento individualizado é o que explica os bons resultados obtidos pelo Sabin, que promove um ambiente onde o caminho da aprendizagem é saudável e consistente”, resume o professor Jackson.

O QUE É O ENEM

O Exame Nacional do Ensino Médio é uma prova elaborada pelo governo federal para avaliar o desempenho dos estudantes ao término da Educação Básica. É uma importante via de acesso ao ensino superior – incluindo universidades federais, a USP, a Unicamp, diversas instituições particulares e internacionais – por meio de diferentes plataformas: Sistema de Seleção Unificada (Sisu), Enem-USP, Enem-Unicamp, Programa Universidade para Todos (ProUni), Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) e programas próprios das faculdades. A prova do Enem avalia, entre outras coisas, competências importantes para viver em sociedade e exercer a cidadania. Um bom desempenho exige habilidades desenvolvidas ao longo de todo o período escolar, como boa leitura, interpretação de texto, raciocínio lógico, cultura geral e excelente escrita. Os resultados são importantes também para gerar os indicadores educacionais do país.

Break a leg!

Essa expressão é um “idiom” com que atores se desejam sorte antes de entrar em cena – na Broadway (NY), em West End (LON), e no Sabin, entre a turma do Teatro de Inglês



Estamos no dia 31 de outubro de 2025, na 19ª edição do Festival Sabin de Teatro: a plateia dos alunos-atores da turma de Inglês tem um encontro marcado com o passado, o presente e o futuro de uma das figuras mais ranzinzas da dramaturgia universal. É noite de natal e o protagonista está no palco confrontando seus fantasmas – como resume o programa da peça: “*What seemed to be just a quiet night’s sleep becomes a silent trial: a confrontation between shadows and light, between the chains of greed and the freedom of generosity*”. O texto – escolhido e adaptado pelo grupo – conta a história do avarento Ebe-

nezer Scrooge, personagem central do clássico conto *A Christmas Carol*, de Charles Dickens, escrito em 1843 – *which still resonates today, reminding us that the holiday is revealed in gestures and in the act of sharing*, diz o programa. Pois “a celebração que se revela nos gestos” e “o ato de compartilhar” não está só no enredo do espetáculo deste ano, mas é a base da atividade coordenada pelos professores Ricardo Sonzin – desde o início do projeto, em 2004 –, e a recém-chegada Aline Iglesias Quartim de Moraes. Com apoio do estagiário e ex-aluno Caio Trotta – atualmente estudante de cinema.



Diferentemente do mal-humorado Scrooge, que detesta pessoas, a turma do Teatro de Inglês - exclusiva para o Ensino Médio - é animada e unida. “Fazemos coletivamente a produção do roteiro e decidimos tudo juntos, o que ajuda muito no processo. Amo esse teatro porque gosto da língua e sempre quis atuar em inglês, mas a melhor parte é estar com essa família que a gente constrói no palco”, relata Bianca Rinaldi Kirschner, da 1ª série, que faz teatro desde o 6º ano, mas pela primeira vez em inglês. Assim como Yasmin Sales, que sonha em fazer faculdade de cinema no exterior e acredita que o teatro pode ajudar nessa trajetória: “Está sendo uma experiência incrível. No começo, eu tinha medo de não decorar as falas ou de errar a pronúncia e me julgarem. Mas não tem nada disso! Os ensaios são divertidos e todos se ajudam com o idioma e a atuação. Evolui no teatro e no inglês”. Clara Graça, da 2ª série, também no teatro desde o 6º, faz sua segunda peça em inglês e afirma que atuar em outra língua é bem diferente. “Fazer teatro já é um desafio que exige dedicação e entrega. Mas fazer em inglês é outro nível: preciso estar atenta não só à interpretação, mas à pronúncia, ao ritmo e à naturalidade das falas. Parece a coisa mais difícil do mundo, surgem várias crises e medo de não conseguir. Depois, a gente ganha confiança e percebe que só evolui! Temos um elenco incrível, que se dá bem, e isso é o mais importante”, acredita Clara. Para ela, cada etapa ensina e é incrível ver como todos crescem juntos nos ensaios, aprendendo a se expressar em inglês e se apoiando em tudo. “Amo passar minhas tardes ensaiando com pessoas que me ensinam a viver melhor”, define ela.

Teatro 100% em inglês

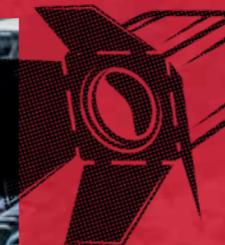
A professora Aline chega para aprofundar os ensinamentos dessa atividade, com a missão de transformar o Teatro de Inglês em uma experiência bilingue integral, conduzindo o processo inteiro 100% no idioma. Ricardo, que coordena todas as turmas de teatro do Colégio, conta que quando o projeto do Inglês começou, os textos eram mais simples, os alunos escreviam e montavam a peça em português e, só depois, passavam para o inglês. “Com o tempo, fomos nos sofisticando: continuaram escrevendo em português, mas já pensando em inglês e adaptando cenas para o idioma antes de montar. Agora, entramos em outro patamar de habilidade, que é pensar, escrever e encenar em inglês desde o início”, descreve Ricardo.

Aline comenta que a ideia é estimular ainda mais o aluno a experimentar e praticar o idioma no ambiente do teatro o tempo todo. “Há alunos talentosíssimos, que têm o inglês afiado, mas são tímidos ou sentem medo de se expressar na sala. O palco dá a sensação de mais liberdade e muitos conseguem se soltar”, sugere a professora. “Eles têm níveis de inglês diferentes, por isso se ajudam com pronúncia, frases, tempos verbais, e vão fazendo conexões com o que estão aprendendo em aula. Questionam e trocam ideias sobre como encaixar no inglês expressões típicas do português. Pesquisamos juntos, eles trazem referências, e todos acumulam aprendizados.” No teatro, os alunos são os donos do processo, não recebem nada pronto. Os professores conduzem, mas são os alunos que fazem. *Break a leg, cast!*



“Minha história com o teatro do Sabin começa em 2011, quando eu, pequenininho, assistia aos musicais e amava. Em 2018, no 7º ano, entrei e nunca mais parei. O Teatro de Inglês se tornou meu refúgio, pois sempre tive um elenco menor e foi o lugar onde mais consegui me expressar. A paixão pelo teatro influenciou minha decisão de estudar cinema. Saí do Sabin em 2023 e voltei como estagiário do teatro em 2024. Continuo apaixonado por este palco, sou feliz por estar aqui, e tem sido muito bonito poder ajudar os alunos e vê-los crescer como atores e como pessoas.”

Caio Trotta, estagiário



20 ANOS DE HISTÓRIA

A turma de Inglês - formada por alunos do Ensino Médio - é um dos sete grupos de teatro que existem hoje no Sabin. A turma deste ano tem cerca de 15 integrantes, mais do que o dobro de anos anteriores, e ensaia três vezes por semana no fim da tarde. A cada ano, a escolha da peça varia de acordo com o desejo de cada turma: o texto pode ser original, adaptado, ou inspirado em alguma obra.

PEÇAS ENCENADAS PELA TURMA DE INGLÊS

- 2004 - *Fake tales*
- 2005 - *Magic Box*
- 2006 - *Redial*
- 2007 - *Happy Birthday*
- 2008 - *Oh, my God!*
- 2009 - *Tribobó City*
- 2010 - *My fair lady*
- 2011 - *Aaah!*
- 2012 - *Little did she know*
- 2013 - *Animal Farm*
- 2014 - *Shakespeare under new Direction*
- 2015 - *Tennescity*
- 2016 - *Arsenic and old lace*
- 2017 - *The Drowsy Chaperone*
- 2018 - *Who killed the lion?*
- 2019 - *Newsies*
- 2022 - *Artificial Kidney*
- 2023 - *The other side of the trenches*
- 2024 - *Katherina through the mirror*





Para todos

Educação física e motricidade: do Infantil ao Médio, o plano de ensino inclui formação motora para todos e performance esportiva para quem quiser

No programa de formação esportiva do Sabin, cada aluno pode escolher o que gosta, mas, antes, o Colégio garante o que todos precisam: formação motora e iniciação nos esportes. As aulas de educação física da matriz curricular focam no movimento, na saúde e no desenvolvimento integral do aluno - físico, social e emocional. O caminho começa na Educação Infantil e no EFAI com a busca pela ampliação do repertório motor. “Fazemos um trabalho para que a criança possa reconhecer o próprio corpo com suas funcionalidades, superando aquela ideia de formação motora só para o treino do esporte”, descreve o coordenador Paulo Rogério Vieira. A apresentação das modalidades esportivas é feita com muito cuidado, para que as crianças pequenas construam uma imagem positiva do esporte e desenvolvam uma relação saudável com a atividade física. “Nosso grande objetivo nos anos iniciais é o desenvolvimento da motricidade”, define Paulo. Na sequência, o programa amplia ainda mais o repertório motor através de “jogos pré-desportivos”, preparando a turma para as escolhas futuras. No 6º ano, começa o trabalho com a especialização. “Com a base bem formada, o aluno pode escolher as modalidades com as quais se identifica, e pode se especializar nas técnicas para buscar performance”, completa o coordenador. Paralelamente à educação física curricular, o programa de Esportes & Cultura oferece também a matriz eletiva, em que alguns alunos já escolhem suas trilhas esportivas a partir dos sete anos de idade.

Construindo a base do movimento

Segundo o plano de ensino da Educação Física, os objetivos gerais do trabalho com as crianças até o final do EFAI incluem a execução de algumas habilidades básicas, como: **locomotoção** - correr, saltar e pular; **controle de objetos**, como arremessar, recuperar, rebater e chutar; e **estabilização**, identificando possibilidades de aplicação na ginástica, no circo, na capoeira. Contemplam também **executar combinações** de habilidades; **experimentar jogos de regras** - alvo, invasão, perseguição -, identificando suas regras e estratégias; **reconhecer repertório histórico-cultural** de festas tradicionais regionais, com suas músicas, danças, comidas, roupas e brincadeiras; explorar atividades com variação de **movimentos rítmicos e expressão corporal**; experimentar e aplicar **habilidades aquáticas** básicas; **respeitar** os combinados do grupo e **cumprir os combinados** dos jogos; **participar de atividades competitivas** respeitando os colegas, aceitando frustrações e evitando atitudes ofensivas.

“Particularmente nessa fase da vida, o movimento é o meio pelo qual a criança interage com o mundo e faz descobertas. Através do corpo em movimento, ela investiga, interpreta novas sensações, se expressa, se relaciona, percebe seus limites e potencialidades”, diz Marcelo Nunes, professor de educação física e de iniciação esportiva. O trabalho pedagógico com a repetição de movimentos, segundo ele, “não é só a repetição pela repetição, mas é a repetição com meta, com a intenção de solucionar um problema”. Esse processo

contribui para o desenvolvimento de funções executivas essenciais, como memória de trabalho, controle inibitório e flexibilidade cognitiva. “A questão da construção das habilidades motoras básicas tem sido um fator muito observado e acompanhado por pesquisadores”, enfatiza Marcelo, que também faz pesquisa na área. “A construção dessa base serve de repertório motor, como se fosse uma caixa de ferramentas, e traz o que chamamos de ‘percepção de competência motora’ - algo muito importante, que pode gerar um ciclo positivo de aprendizagem e desenvolvimento.” Uma boa percepção de competência motora leva a criança ao engajamento em diversas atividades, enquanto a baixa percepção pode resultar em sedentarismo e isolamento social. “Trabalhamos na educação física para garantir que nossas crianças se sintam aptas a usufruir de um jogo em família, com amigos, no clube, na rua, na praça, em uma viagem. E o esporte vem como complemento.”

Do desenvolvimento básico à performance

Nos anos finais, a educação física dá continuidade ao trabalho, saindo das “brincadeiras” e entrando nos

jogos esportivos. A natação e as modalidades coletivas - basquete, vôlei, handebol e futebol - são trabalhadas para desenvolver capacidades como força, velocidade e agilidade. Também entram no roteiro das aulas o fortalecimento muscular e a corrida, parte do conteúdo universal da disciplina, que garante o desenvolvimento cardiorrespiratório dos alunos. “Eles começam correndo três minutos e terminam o ano correndo sete! Alguns até mais!”, comemora a professora Fernanda Ferreira. Identificar alunos com potencial e encaminhá-los para atividades extracurriculares e de alta performance também é função da educação física nesta etapa, assim como detectar dificuldades específicas e direcionar para o aprendizado especializado - como crianças que não sabem nadar, por exemplo. “Todos os professores têm esse olhar técnico, da atenção e do cuidado, com nossos três tipos de aluno: o da aula de educação física, o da aula do esporte, e o do treino do esporte”, diz Fernanda. “É impressionante, mas nós realmente conseguimos fazer com que todos, de todas as turmas, saibam o básico e experimentem todas as modalidades.”

“Na educação física do Colégio, somos incentivados desde pequenos a praticar esportes. Mas, antes, passamos pela iniciação esportiva, em que recebemos a base das principais modalidades. Quando comecei a ter aulas, na Educação Infantil, eu via aquele espaço como um momento de descontração, uma pausa na rotina das matérias mais teóricas. Era a hora em que eu podia relaxar, brincar com os colegas e, ao mesmo tempo, me desafiar fisicamente. Com o tempo, descobri nos esportes um dom e um amor: o vôlei. Comecei a treinar no 6º ano e era só diversão, mas, a cada aula, eu me sentia mais envolvido. Os professores perceberam minha dedicação e me convidaram para entrar na equipe de vôlei do Sabin. O que era apenas lazer, passou a ser também compromisso. Aprendi a importância da disciplina, do esforço coletivo e do respeito pela equipe e pelos adversários. Ao mesmo tempo em que me divertia, aprendia a lidar com pressão, vitórias e derrotas. Eu jogo vôlei até hoje e percebo como essa experiência ajudou a moldar quem eu sou. O vôlei me ensinou a trabalhar em equipe, a ter resiliência nos momentos difíceis e a valorizar a constância para alcançar resultados. A capacidade de me organizar, de cooperar e de manter a calma em situações de tensão veio diretamente das quadras. Agradeço aos professores que me orientaram e acreditaram em mim ao longo desse caminho, em especial ao Paulo, que foi quem deu início a tudo, e à Flávia, minha atual técnica.”

Bruno Campos Moreira da Silva, 3ª série D - Ensino Médio



Qual é o jeito de fazer a Qualé?

A turma do 3º E conversa sobre a Revista Qualé – material de aula – com a educadora Cláudia Gabionetta e a mini jornalista Isabella Pimpinato, aluna do 4º ano

A revista **Qualé** – que o EFAI adota para uso pedagógico no 3º ano – é uma publicação jornalística quinzenal feita especialmente para crianças e jovens, por pessoas que acreditam no jornalismo como ferramenta de transformação social. Ela traz informações “quentinhas”, com linguagem descomplicada e oferece material de apoio com dicas e sugestões para o educador trabalhar o conteúdo em sala de aula. Para saber “qual é a dessa revista”, a turma do 3º E fez perguntas para a coordenadora pedagógica da publicação, **Cláudia Gabionetta**, e para a aluna **Isabella Pimpinato**, que integrou a equipe editorial em 2024.



Cláudia, como funciona o editorial da revista Qualé?

Cláudia: O grupo de edição é formado por diferentes profissionais, entre jornalistas, designers, revisor final de textos e equipe pedagógica - composta por professores e pedagogos. Tudo isso porque essa revista tem um caráter especial: é uma revista jornalística trabalhada em escola. Então, jornalismo e educação andam de mãos dadas nessa produção.

Por que é importante que crianças tenham espaço para participar da revista?

Cláudia: Porque a **Qualé** é voltada para esse público, então nós precisamos ouvir e dar voz às crianças. É um dos nossos princípios ter a participação ativa dos nossos leitores. Em muitas reportagens, entrevistamos crianças, pais e escolas que trabalham com a revista. Às vezes, as crianças sugerem até pautas! E temos sessões que sempre são feitas por leitores: tirinhas e carta do leitor. A revista é muito viva, e a participação intensa do público leitor é mais do que importante, é fundamental!

Você conversa com amigos e familiares sobre o que publica na Qualé?

Cláudia: Sim! Conversar e ouvir o outro é importantíssimo. Ouvimos as crianças, ouvimos os adultos e refletimos muito dentro da própria equipe da **Qualé**. Educadores e jornalistas são profissionais que devem refletir o tempo todo sobre as coisas do mundo. Nós precisamos ter bastante cuidado ao escolher os assuntos que vamos tratar, principalmente por causa da faixa etária que atingimos. Então, conversar e refletir é essencial para manter a qualidade e a seriedade das nossas publicações.

Que tipo de assunto aparece na revista?

Cláudia: A **Qualé** é, basicamente, uma revista de notícias, de jornalismo, então os assuntos devem ser os que estão sendo falados. São temas de relevância social - não só no Brasil, não só em São Paulo, mas no mundo todo. Claro que fazemos uma seleção por conta do público infantil e infanto-juvenil, mas falamos de assuntos diversos, diferentes culturas, questões culturais, racismo,



preconceitos, inclusão social. E também questões trabalhadas na escola: *bullying*, *cyberbullying*, *fakenews*, uso das redes sociais, meio-ambiente, saúde, esportes. É uma gama de assuntos; a gente seleciona o que está sendo bastante debatido para também abordar na revista. E equilibramos com temas como animação, cinema e música.

Quem quiser integrar o editorial da Qualé, como a Isabella integrou, o que deve fazer?

Cláudia: Basta se inscrever no site (revistaquale.com.br), ou por e-mail (contato@revistaquale.com.br). Nosso único critério é sempre variar entre alunos de escolas diferentes - públicas e privadas - e com idades diferentes, de 7 a 15 anos. É rica essa variedade. E a escolha é por ordem de inscrição: os dez primeiros inscritos entram na próxima turma – que muda de seis em seis meses. Chamamos de “**Turma Editorial da Qualé**”. Cada grupo de crianças e jovens participa - comigo e com uma jornalista - da reunião mensal da revista por cinco meses, e nos ajuda a cons-

truir cada edição. A turma também analisa edições antigas, faz críticas e dá sugestões. São estudantes muito potentes, que atuam como se fossem mini jornalistas.

Isabella, qual é sua opinião sobre a Qualé gostar de ouvir as crianças?

Isabella: Eu gosto, acho muito legal! Porque as crianças ajudam a criar novas perguntas e novas respostas. Assim, fica ainda melhor ler a revista!

O que você sentiu ao participar da construção de algumas edições?

Isabella: Eu me senti muito bem, conheci novos amigos e, na escola, pude ajudar as pessoas a lerem mais. Tem gente que só fica no celular, não lê nada, não fala muito; mas ler é muito bom porque ajuda a conhecer novas palavras e a conseguir falar mais.

Se fosse sugerir algo para a próxima edição, o que seria?

Isabella: A gente podia falar sobre comidas que fazem bem ou mal. Existem



produtos, por exemplo, que têm muito sal e não são bons para a saúde. Outros, que as crianças adoram, têm muito adoçante e são mais para adultos que fazem academia.

O que você diria para as crianças que ainda não leem a revista Qualé?

Isabella: Eu queria que elas lessem e que se aprofundassem mais na leitura. Tem muita curiosidade na revista! E tem muita coisa que pode ajudar a lembrar de coisas na hora da prova. Pode ajudar até a estudar! Porque, lendo, a gente aprende mais.

Opinião ou ódio, eis a questão

Opiniões controversas – como ver 6 ou 9, dependendo do ponto de vista – devem ser aceitas e respeitadas como liberdade de expressão; preconceitos e discursos de ódio, não!

O papel da mídia na manutenção de preconceitos

Diferente da liberdade de expressão como direito fundamental que garante manifestação de opiniões e críticas, o discurso de ódio é uma violência verbal baseada na intolerância que promove subordinação moral a diferentes grupos. Desse modo, sociedades com histórico de desigualdade e discriminação, como o Brasil, tendem a assumir discursos mobilizados pelos grupos dominantes. O jurista e professor norte-americano Charles Lawrence - que participou da fundação da *Teoria Crítica da Raça* e discute, principalmente, como liberdade de expressão irrestrita deve ser repensada diante do discurso de ódio racial - diz que “se o racismo ainda estrutura relações sociais, a liberdade de expressão não é igual para to-

dos”. Nesse cenário, vemos nos discursos de ódio a manutenção da raiz dos preconceitos. A mídia, e principalmente as redes sociais, fortalecem o ódio e os preconceitos quando, nelas, tais discursos ganham ampla visibilidade. O aparente anonimato e a sensação de impunidade dos autores servem como motor para a propagação e a naturalização de falas racistas, sexistas e homofóbicas. A conscientização acerca dos danos causados nas vítimas é essencial para interromper essa violência. Por isso, cabe a nós, cidadãos, repudiarmos essas situações odiosas e nos libertarmos de tais padrões sociais. O verdadeiro hábito a ser cultivado não é o de repetir preconceitos, mas o de aprender, enfim, a desaprendê-los.



Maria Carolina Monteiro,
2ª série A

Elevação moral para vencer a cultura do ódio



Lucas Coelho H. Lima,
2ª série C

Decerto, os discursos de ódio incitam violências, preconceitos e possuem alta capacidade desumanizadora. Tais manifestações estão intrinsecamente presentes em todas as sociedades e sua ascensão é evidente. Podemos analisar esse fenômeno a partir da perspectiva de que esse sentimento é ensinado no âmbito familiar e banalizado na esfera social. Ninguém nasce com ódio. Os estereótipos transmitidos no ambiente doméstico são internalizados pelas crianças e pelos jovens, que reproduzem tais falas na escola ou no meio digital. Isso cria um ciclo vicioso e desenvolve uma espécie de “cultura”, pois essas pessoas vão crescer e passar esses estigmas adiante. Como consequência, as manifestações

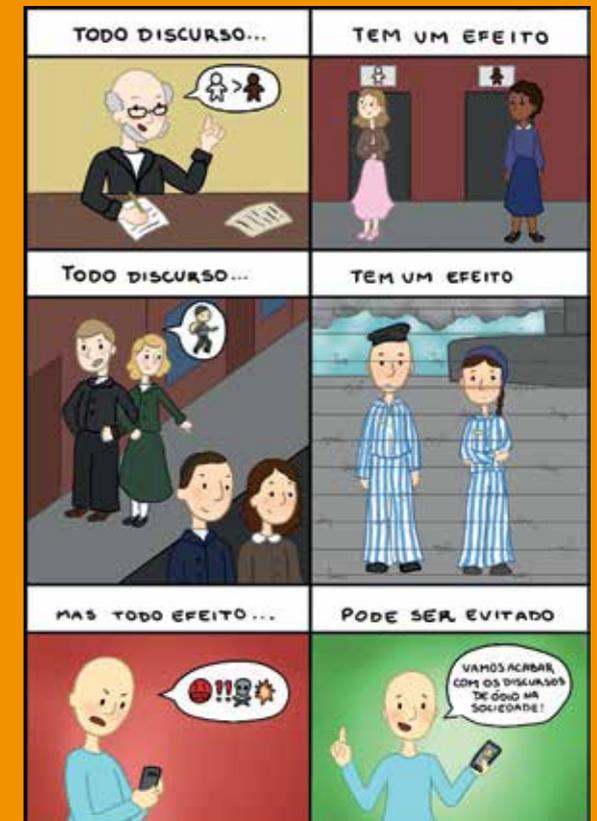
hostis vão se disseminando e se enraizando cada vez mais no comportamento humano. O discurso de ódio passou a ser normalizado, o que torna mais difícil combatê-lo. Em muitos contextos, falas ofensivas se tornaram tão comuns, que são tratadas apenas como “opiniões”. Infelizmente, nenhuma sociedade está imune à “cultura do ódio” e ainda não temos uma solução concreta. Punir os infratores, embora correto e necessário, não é um caminho sustentável no longo prazo. O mais viável é educá-los, a fim de fazer com que reflitam sobre suas ações e corrijam certas atitudes. De pouco em pouco, uma convivência plenamente democrática pode se tornar realidade, mas isso depende da elevação moral de cada um.

O ódio camuflado e o silêncio conivente

O discurso de ódio pode ser definido como sendo qualquer manifestação motivada por preconceito ou intolerância, na qual uma pessoa ou um grupo é discriminado com base nas suas características identitárias. Esse discurso sempre existiu, mas ganhou maior alcance com as mídias sociais e está cada vez mais forte, pois se antes era restrito a espaço e tempo, agora adquiriu caráter global. Embora haja informações e debates sobre a linha tênue entre discurso de ódio e liberdade de expressão, muitas pequenas falas cotidianas carregadas de preconceito e intolerância passam despercebidas e são até normalizadas por serem “inofensivas”. No entanto, essas declarações, quando não contestadas, podem progredir para a discriminação, a exclusão social e, em casos extremos, a violência física e o genocídio. O discurso de ódio, muitas vezes, surge de uma forma velada, carregado de duplo sentido, disfarçado por meio de “piadas” ambíguas e apelidos pejorativos. Surge, até mesmo, em discursos políticos e religiosos, como no movimento anti-imigração ou na tentativa de restringir os direitos das pessoas LGBTQ+. Por isso, essa temática adquire uma camada extra de complexidade, porque o ódio se camufla e isso dificulta a identificação e o combate. É necessário enfrentar essa problemática, o que não se trata de restringir a liberdade de expressão, mas sim de interromper, com argumentos, essa mentalidade intolerante enraizada na sociedade. Fica a reflexão: o silêncio diante de uma “piada” com teor preconceituoso não é uma forma de perpetuar o discurso de ódio?



Tainá Ribeiro Melo,
2ª série F



Clara Pretto Vivancos,
2ª série D



Depois da tempestade, a construção

O que segue a retirada do celular das escolas? Reorganização, redefinição de limites e uma reeducação digital crítica e otimista - com telas idealizadas para a sala de aula

Agora, agora, pede: menos guerra contra as telas, mais projetos pedagógicos sobre o uso. Especialistas concordam que, daqui para a frente, não basta apenas manter a proibição do uso de celulares nas escolas, é preciso construir um caminho de educação digital, ensinar os adolescentes a usarem a tecnologia com consciência, responsabilidade e segurança, criando condições para que desenvolvam uma real autonomia, uma real capacidade de decidir com assertividade *como, quando e para quê* usar os recursos digitais. “Com *critical optimism*, atenção ao design persuasivo, foco em autoria e agência digital – que é a retomada do controle sobre as redes sociais -, damos aos jovens aquilo que, de fato, protege: competência, critérios e bons hábitos para viver e aprender no mundo conectado”, diz a coordenadora de tecnologia educacional do Sabin, Graziella Matarazzo.

Critical optimism

Critical optimism é uma postura que o *Center for Digital Thriving*, de Harvard, propõe: reconhecer que a tecnologia é, ao mesmo tempo, oportunidade e risco – o que não elimina regras e limites, nem exclui espaços livres de tela, mas qualifica a conversa sobre o tema. Em vez de partir do julgamento, partimos da curiosidade, perguntamos o que é bom e o que é difícil, ouvimos experiências reais dos estudantes e construímos soluções com eles.

Design persuasivo

Design persuasivo é o que usam todas as plataformas digitais que disputam cada segundo do nosso tempo. Recursos como *autoplay*, *scroll* infinito, notificações e contadores de *likes* prendem a nossa atenção. Com crianças e adolescentes, funcionam mais ainda, já que agem em sensibilidades do desenvolvimento. “Falar sobre isso em sala é crucial e formativo! Como lembram colegas do *Project Zero*, cultivar a ‘sensibilidade ao design’ dá aos jovens a noção de que podem redesenhar seus hábitos em ambientes digitais. E, com isso, recuperar ‘agência’”, aponta Graziella. “Um

detalhe importante para educadores e famílias é adotar a postura *‘us and them’* – nós e eles -, que ajuda a construir confiança. Compartilhar que também enfrentamos dificuldades e temos que nos atentar aos nossos hábitos normaliza o desafio e abre espaço para combinados honestos.”

Pause and play

Na prática, dentro da escola, estamos migrando do uso descontrolado dos *smartphones* para dispositivos e ambientes pensados e idealizados para aprender: telas maiores, menos interrupções e instrumentos de produtividade que favorecem a autoria – como escrita colaborativa, produção e edição de vídeos, design digital e programação. Para “combater” a desinformação e o uso irresponsável - e até ingênuo - da internet e das redes sociais, o dia a dia escolar precisa construir essa aprendizagem que inclui a tecnologia como recurso de criação e resolução de problemas, ensinando e estimulando o uso saudável. Essa construção envolve estratégias que façam do ambiente escolar o principal espaço de educação midiática. Com constante manutenção das habilidades socioemocionais e da saúde mental dos adolescentes.

O *pause* no uso de celulares dentro das escolas foi necessário para abrir espaço de conversa e reavaliação, na busca de caminhos não para vencer as máquinas – o que seria uma ilusão e um erro -, mas para se juntar a elas de forma construtiva. É inevitável. O *play* está por toda a parte e a escola não pode, nem deve, se retirar do jogo. O horizonte aponta para esta direção: regras e limites claros, ensino de competências, regulação do ambiente escolar e construção de habilidades, disposições e valores para navegar no mundo conectado.

“Quando falamos de tecnologia na escola, não é sobre trocar um aparelho por outro, é sobre criar experiências que ensinem a usar o digital com sentido. É nesse espaço, entre o limite e a autonomia, que formamos cidadãos digitais críticos e criativos.” - Graziella Matarazzo, coordenadora



“O desenvolvimento da Inteligência Artificial, como um processo de evolução da técnica humana, traz para o cotidiano da escola desafios que dialogam com a cultura digital e midiática, mas não terminam nelas. Com a televisão, o rádio e a programação linear, o caminho não foi diferente. Mas a IA ainda é pouco compreendida e quase nunca ‘percebida’ como uma nova mediação entre as pessoas e o mundo. Um olhar cuidadoso, ético e focado em oportunidades e riscos é o melhor currículo que uma escola pode criar. Educar ‘para’, ‘com’ e ‘sobre’ a IA tem sido a abordagem utilizada pela maioria dos currículos globais, a partir de um framework criado pela UNESCO. Curadoria, autoria, criatividade, gestão de tempo, estatística, representação social - são muitos os temas que cruzam os caminhos da IA. Ignorá-la em seu potencial e risco significaria afastar a escola dos desafios contemporâneos que, queiramos ou não, estão escancarados diante das famílias, dos estudantes e dos educadores. Valores como ‘explicitabilidade’, transparência e centralidade na decisão humana estão surgindo como práticas emergentes no mundo para uma realidade híbrida que jamais deixará de existir.”

Alexandre Sayad, mestre em IA e Ética, consultor da Unesco e apresentador

DO “NÃO PODE” PARA O “COMO FAZER BEM”

O currículo de Cidadania Digital do *Common Sense Education* traz trilhas práticas sobre privacidade, checagem de informação, bem-estar digital, pressões sociais e uso crítico de Inteligência Artificial. São passos concretos para apoiar os jovens nessa construção:

- 1. Do pouco para o muito** - Autonomia cresce com maturidade; comece com ferramentas mais controladas, amplie depois.
- 2. Autoria antes do consumo** - Projetos que pedem produção, como vídeos, textos colaborativos, programação e protótipos *maker* mudam a relação com a tecnologia.
- 3. Ambientes que favoreçam o foco** - Telas maiores, notificações reduzidas e janelas de trabalho definidas ajudam a estudar melhor do que com o uso contínuo do celular.
- 4. Controle da atenção** - Para demonstrar como as plataformas sequestram nossa atenção, analise padrões de uso, como tempo de tela, gatilhos e momentos de perda de foco.
- 5. Regras e valores** - Crie junto; acordos feitos em conjunto com os estudantes aumentam a responsabilidade e o sentimento de pertencimento.
- 6. Modelagem adulta honesta** - Professores e famílias também devem compartilhar suas estratégias e dificuldades – isso ensina mais do que discursos.
- 7. Rotinas de reflexão** - São muito eficazes pausas rápidas para revisar o que funcionou e o que atrapalhou a rotina, e para ajustar notificações e planejar o próximo uso.

Acreditar, estudar e crescer

Nossas colaboradoras **Lucrécia, Pâmela e Sofia** contam suas histórias e reforçam o valor do estudo em qualquer estágio da vida

"Tenho um filho de 12 anos e sou mãe solo; foi aí onde começou minha história com o Sabin, onde o Sabin me abraçou. Em fevereiro de 2014 - por indicação da Aline, da portaria -, fiz a entrevista de emprego. Quando disse que tinha um bebezinho, não houve o questionamento que havia em outros lugares: 'Mas com quem o bebê vai ficar? E quando precisar levar ao médico?'. Passei por isso muitas vezes. No Sabin, me senti acolhida. Fui contratada para a segurança, onde fiquei por dez anos. Mas eu me perguntava: 'E aí, Pâmela, o que você almeja?'. Era formada em logística, não conhecia nada da área educacional. Tive a alegria de trazer meu filho para estudar no Sabin e, cada vez mais, eu pensava em como crescer na escola. Recebi sugestões, avalei caminhos, e fui buscar o que eu realmente queria: a área administrativa. Já ajudava na secretaria e gostava! Uma amiga me disse: 'Estuda! Assim, se surgir uma oportunidade, você vai para cima!'. Estudei pedagogia de 2018 a 2022, segui trabalhando e me mostrando - afinal, quem não é visto, não é lembrado! Até que surgiu uma vaga na admissão de novos alunos e fui chamada para o processo seletivo: ganhei essa promoção há pouco mais de um ano! Sigo estudando e faço aulas de inglês no Sabin duas vezes por semana. Agora atuo na área que atende famílias, e muitas procuram a proposta do bilíngue, por isso preciso falar inglês para atender ainda melhor! Tem sido um desafio, mas estou gostando e caminhando. Com foco e determinação, eu chego lá."

Pâmela Sudré Batista,
36, auxiliar de relacionamento



"É um orgulho saber que a educação é um valor real para nossa equipe. É lindo ver como as pessoas enxergam esse valor não só para a vida das crianças que elas ajudam a formar, mas também para a vida delas, acreditando que todo o crescimento vem através da educação."

Cristina Godoi,*
diretora geral do Sabin

"Minha trajetória no Sabin começou em fevereiro de 2018, quando passei no processo seletivo para trabalhar como auxiliar de coordenação no antigo Ensino Fundamental 2. Ao mesmo tempo, comecei a cursar letras na universidade. Fiz meus estágios obrigatórios no Sabin e aprendi muito! Quando me formei, quis fazer um dos cursos que o RH do Colégio divulgava: MBA de Gestão Escolar USP/Esalq. Estávamos na transição de sistemas na escola, do papel para o digital, e esse foi meu trabalho de conclusão do curso, em 2023. Poucos meses depois, surgiu a oportunidade de estudar neurociência na Santa Casa e agarrei mais essa chance. Finalizei em 2024 e já percebo os efeitos no meu trabalho. Procuo aproveitar tudo que o Colégio proporciona. Trabalhar na educação é estar em constante crescimento, em contato com pessoas, com cultura, com arte; é ter mais esperança com o mundo. Vim de um universo corporativo e, hoje, vejo a diferença na minha forma de pensar - principalmente na relação com minhas filhas, Maria Luiza e Valentina. Elas estudam no Sabin e isso é motivo de orgulho e felicidade para mim e minha família."

Sofia Ribeiro Vieira Daumechen,
37, auxiliar de coordenação



"Venho de uma família de professores. Minha avó paterna era professora na fazenda do pai dela - um fazendeiro que tinha escravos -, em Pernambuco. Uma das escravas deu à luz um menino, que nasceu na Lei do Ventre Livre. Minha avó ensinou esse menino a ler e escrever e, quando ele cresceu, ela acabou se relacionando com ele e foi expulsa de casa. Esse rapaz, meu avô, tornou-se professor também. Meus avós tiveram seis filhos; quatro eram professores. Meu pai, não; ele foi trabalhar na Polícia Civil. Minha mãe era professora de matemática. Tenho cerca de 12 primos que são professores. Meus irmãos não quiseram; nem eu, inicialmente. Cursei gestão financeira. Casei e tive cinco filhos; três são professores. Quando meu filho mais velho terminou a faculdade de sociologia, falou para mim: 'Mãe, a senhora não acha que está na hora de fazer outra faculdade? Vamos fazer juntos!'. Ele nos matriculou em pedagogia. Durante a pandemia, tranquei a faculdade, mas depois voltei e concluí agora, em 2025. Agora sou professora também e pretendo ir para a sala de aula um dia. Acabei me rendendo aos encantos que encantaram minha família. É algo que temos no sangue, no DNA: formação hereditária [risos]. Mas acredito que foi o Sabin que reacendeu a chama que estava apagada dentro de mim; cheguei ao Colégio em 2014 e foi a vivência com alunos e professoras que me deu a vontade de entrar nessa profissão."

Lucrécia Maria Mendonça de Barros,
51, encarregada de serviços gerais





“A inspiração para o conceito de escola-ateliê vem da abordagem de Regio Emilia para a Educação Infantil - especialmente com o trabalho de Loris Malaguzzi, que traz a arte e o artista para dentro da escola e para o centro da prática pedagógica. Mas a nossa escola-ateliê tem o DNA da AB, com nossa marca, nossas práticas, nossas crianças, nossas necessidades e nossas contribuições. A equipe é constantemente estimulada para aumentar o repertório e motivar as crianças; vivamos, vamos a museus, frequentamos exposições e buscamos nos nutrir e nos manter em estado permanente de encantamento - assim como as crianças”

Silvia Adrião, diretora pedagógica



luzes e formas, os adultos se ou errado, há o jeito de cada um e como esses jeitos se relacionam. “A aprendizagem se dá também nas relações e atrações em forma de arte por todos os lugares da AB. E In- bio, muitas expectativas para cada idade são superadas”, completa Suzy.

Ateliê AB de Educação Infantil

Tudo que a criança produz transforma a escola em ateliê desde a entrada: há pinturas, ateliê botânico. Da para sentir, registros, colagens, rabiscos, desenhos, modelagens em diferentes materiais, elementos de musicalidade é até resultados no potencial da infância desde que a AB começou a trabalhar de “pesquisas científicas” feitas pelos pequenos. A exposição de tudo e a interação com as artes dos colegas desperta e inspira mais e mais imaginação. Os projetos surgem de interesse genuíno das crianças, e resses genuínos das crianças, e sensível das educadoras; e resultam no orgulho de cada aprendiz ao ver o que criou exibido e admirado pelos amigos, pelas professoras e também pelas famílias, que ficam encantadas quando entram na escola. Entre cores, texturas, tes e felizes”.



A escola como um grande ateliê

Com esse conceito, a AB fortalece a autoconfiança e estimula o pensamento curioso, fluido e artístico das crianças

As salas da AB Sabin são oficinas de invenções, o patrimônio é laboratório de natureza e criação, os corredores são galerias de arte. Mas o conceito da “escola como um grande ateliê” – com o qual a AB vem trabalhando nos últimos anos – é mais amplo do que os espaços físicos dedicados ao fazer artístico; é uma metodologia integral que transforma todos os momentos da criança na escola em oportunidades de expressão com múltiplas linguagens. Há um trípé que sustenta a riqueza dessa abordagem: a valorização da estética infantil; o estímulo ao pensamento fluido e criativo da criança – como o do artista; e a variedade de possibilidades e recursos que o espaço oferece, como acontece em um ateliê.

Valorizar a estética infantil é investir no protagonismo da criança. Exaltar o traçado, o colorido, a modelagem e qualquer forma de expressão dos pequenos – com apoio do adulto, mas sem interferência -, **fortalece a autocon-**

fiança e o sentimento de pertencimento; eles criam postas exatamente como foram imaginadas e realizadas. Porque “a escola como um grande ateliê” acredita que até um rabisco conta uma história, tem valor e merece destaque. Toda obra inspira outras.

O pensamento da criança – que ainda é livre de rigidez, moldes e caixinhas – se aproxima do pensamento do artista, fluido e criativo, por isso o segundo pilar da escola-ateliê é estimular ao máximo o desenvolvimento desse pensar. A arte é uma linguagem importante e potente para a infância. Base do trípé, é entriquecer a escola com diversas possibilidades, recursos, propostas e provocações, múltiplas possibilidades para experimentar e comunicar.

Em resumo, a escola concebida como um grande ateliê representa uma filosofia educacional que confia na ca-

pacidade e no potencial da criança, valorizando suas expressões e transformando todo o ambiente escolar em um convite constante à exploração, à aprendizagem e à pesquisa. O fazer artístico é investigação, pesquisa e misto de ateliê e laboratório: ciências e artes como linguagens pulsantes e experiências vivas.

O máximo!

“A criança é capaz de fazer sozinha, ela não precisa de modelos prontos e estereotipados, ela quer ser observada e se expressar com suas próprias ideias, quer receber o máximo de conhecimento e estímulo”, observa a diretora pedagógica, Silvia Adrião. “E por isso que nós investimos em pesquisas mais complexas, como, por exemplo, o Egipto: a geografia, a construção das pirâmides, os deuses. Porque a alfabetização e a matemática estão garantidas, é o ‘mínimo’, e a AB foca em dar o máximo de saberes, de referências, de manifestações artísticas. O resto virá, porque as crianças estão inseridas em um ambiente facilitador de aprendizagens.” A coordenadora pedagógica, Suzy Março, destaca o cuidado com cada faixa etária e com as individualidades. “Lidamos com múltiplas inteligências, personalidades, vontades, aptidões e gostos, e deixamos fluir o que predomina em cada criança”,



